

DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL OU SUSTENTABILIDADE DO CAPITAL? REFLEXÕES SOBRE O CAPITALISMO VERDE

SUSTAINABLE DEVELOPMENT OR CAPITAL SUSTAINABILITY? REFLECTIONS ON GREEN CAPITALISM

Euthímio de Freitas Ferreira Junior¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo demonstrar como o capitalismo age em favor de seus interesses comerciais e como ele se apropria da natureza para obter lucros. Uma das estratégias mais recentes adotadas pelo capitalismo é o uso de um discurso de desenvolvimento sustentável, porém, na prática, o capital continua degradando e desmatando a natureza. Esse discurso, utilizado pelo capitalismo, atribui um caráter mais humano à degradação e ao uso inadequado dos recursos naturais. Consequentemente, muitas pessoas adotam esse discurso e práticas de falsa sustentabilidade. No entanto, é possível observar que o problema não se limita apenas ao discurso, mas sim ao sistema capitalista como um todo.

Palavras chave: Capitalismo verde, Eco-92, Desenvolvimento sustentável, Subsistência, Agricultura familiar, Capital, Educação.

Abstract: This work aims to demonstrate how capitalism acts in favor of its commercial interests and how it appropriates nature to make profits. One of the most recent strategies adopted by capitalism is the use of a sustainable development discourse, however, in practice, capital con-

¹ Especialização em Docência do Ensino Superior em Educação Ambiental pela Faculdade Iguazu, Brasil(2023). Professor em regime de Designação Temporária do Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo , Brasil

tinues to degrade and deforest nature. This discourse, used by capitalism, attributes a more human character to the degradation and inappropriate use of natural resources. Consequently, many people adopt this false sustainability discourse and practices. However, it is possible to observe that the problem is not limited to the discourse, but to the capitalist system as a whole.

Keywords: Green capitalism, Eco-92, Sustainable development, Subsistence, Family farming, Capital, Education.

Introdução

O objetivo deste artigo é fazer algumas reflexões críticas sobre a ideia de desenvolvimento sustentável e a apropriação da natureza pelo capitalismo.

Podemos observar que o capitalismo utiliza diversas formas para obter lucro e se manter como sistema, agindo em favor das classes dominantes. No que diz respeito à natureza, não é diferente. O Capital se apropriou dos recursos naturais e passou a utilizá-los para obter lucros, causando danos significativos e comprometendo meios de subsistência que não impactassem a natureza de forma tão destrutiva como ocorre atualmente.

Enrique Leff entende que a crise ambiental é decorrente da inseparável desigualdade social que o capitalismo gera dia após dia, e para a sociedade conseguir avançar para uma ideia de sociedade que pense de fato na preservação do meio ambiente, deve-se em primeiro lugar romper com a economia capitalista e os jogos de poder decorrentes dos interesses da classe dominante que se apropria da natureza para gerar lucro.

Após intensos debates e discussões, principalmente no final do século XX e início do século XXI, podemos perceber uma mudança no discurso sobre a utilização dos recursos naturais. Foram sugeridas medidas e realizadas conferências e reuniões para debater a forma de diminuir o impacto



na natureza.

Destaca-se a Eco-92, realizada na cidade do Rio de Janeiro, Brasil, como uma das maiores conferências sobre questões ambientais. Foi a partir dessa conferência que o debate sobre o meio ambiente ganhou notoriedade e passou a ser frequentemente discutido na mídia, fortalecendo os grupos ativistas pelos direitos da natureza.

O objetivo principal da Eco-92 era promover a estabilização da concentração de gases de efeito estufa na atmosfera. Dessa conferência resultaram a Agenda 21, um documento que propõe ações para o desenvolvimento sustentável, e a Convenção da Biodiversidade.

Na década de 2000, foram realizadas diversas conferências para discutir o clima e a utilização dos recursos naturais. Nesse período, o termo “desenvolvimento sustentável” já era amplamente reconhecido. Muitas empresas que exploravam os recursos naturais de forma massiva e desordenada, causando desastres ambientais, adotaram o discurso de sustentabilidade como uma forma de se esquivar da ideia de que eram poluidoras ou, se o eram, afirmavam ter como objetivo reduzir seu impacto ambiental. Essa ideia de desenvolvimento sustentável ajudou essas empresas a continuar a se apropriar e obter lucros por meio da natureza.

Diante desse cenário, é evidente que o problema não está apenas no discurso do desenvolvimento sustentável ou nas conferências que têm sido realizadas, mas sim no sistema capitalista como um todo. O grande problema é que essas medidas são aplicadas em um sistema que já gera desigualdades e cria uma lógica economicista onde deveria haver apenas valor de uso. O Capital conseguiu bagunçar as relações sociais, destruir a natureza e, após tudo isso, passou a adotar um discurso de sustentabilidade.

No entanto, essa sustentabilidade não existe no sistema capitalista, pois todas essas ações são apenas uma nova forma de Capital, conhecida como Capitalismo Verde.

A problemática da apropriação da natureza pelo capitalismo e a adoção de um discurso de sustentabilidade por parte das empresas levanta questões importantes sobre a efetividade dessas me-

didadas dentro do sistema vigente. O capitalismo, como um sistema baseado na busca incessante pelo lucro e acumulação de Capital, tende a priorizar o crescimento econômico em detrimento da preservação ambiental.

Apesar das conferências e acordos internacionais, é preciso reconhecer que muitas ações sustentáveis propostas são insuficientes para conter os danos ambientais causados pelo sistema capitalista. O foco excessivo no crescimento econômico ilimitado, aliado à lógica de maximização dos lucros, leva a uma exploração contínua dos recursos naturais e a uma degradação ambiental irreversível em muitos casos.

Além disso, o Capitalismo Verde, que se utiliza do discurso de sustentabilidade, muitas vezes mascara a continuidade das práticas predatórias ao meio ambiente. Empresas podem adotar medidas superficiais para reduzir sua pegada ambiental, mas sem uma mudança profunda no modelo de produção e consumo, essas ações podem ser apenas uma forma de “greenwashing” (lavagem verde), em que se busca melhorar a imagem sem efetivamente modificar as práticas prejudiciais.

Diante desse cenário, é fundamental considerar abordagens que vão além das medidas cosméticas e busquem uma transformação estrutural no sistema. Isso inclui repensar a lógica do crescimento econômico constante, promover uma transição para energias renováveis, adotar uma economia circular que minimize o desperdício e a exploração desenfreada de recursos, e repensar as relações de consumo e produção.

Além disso, é importante fomentar uma consciência crítica sobre o modelo capitalista e suas consequências ambientais e sociais. A educação ambiental e a conscientização pública são essenciais para despertar uma mudança de mentalidade e incentivar ações individuais e coletivas em prol da preservação ambiental.

É fundamental reconhecer que a questão ambiental está intrinsecamente ligada a outras dimensões da sociedade, como desigualdade social e injustiça ambiental. Portanto, enfrentar os desafios ambientais requer uma abordagem interdisciplinar e uma ampla mobilização social em busca de



alternativas mais sustentáveis e equitativas.

Em suma, a discussão sobre a relação entre desenvolvimento sustentável, apropriação da natureza pelo capitalismo e o discurso de sustentabilidade é essencial para entendermos os limites e desafios enfrentados na busca por um futuro mais justo e em harmonia com o meio ambiente. É preciso questionar o modelo atual e explorar alternativas que coloquem a sustentabilidade e a preservação da natureza como valores centrais, indo além de ações superficiais e buscando transformações profundas em nosso sistema econômico e social.

O discurso de desenvolvimento sustentável

O termo desenvolvimento sustentável é um dos mais utilizados atualmente, dado que vivemos em tempos nos quais a questão ambiental está em grande destaque. A escassez de recursos naturais colabora para que este termo seja utilizado tantas vezes que embora a etimologia passe a ideia de que é possível utilizar certos recursos para atingir a demanda atual sem destruir o futuro das próximas gerações, observa-se que todo esse ideal de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável foi destruído por completo devido às transformações no modo de organização da vida social, da agricultura familiar e das relações campo/cidade.

Tais mudanças ocorreram por causa do Capital que para atender à demanda do mercado, passou a utilizar o termo sustentabilidade e desenvolvimento sustentável, mas não o adotou na prática. Ficou o discurso, não houve aplicação. Por este motivo pode-se observar que grandes empresas causadoras de desastres ambientais e que utilizam em massa os recursos naturais, são as que apoiam o discurso e até mesmo financiam ONGs e centros de assistência à natureza.

Devido ao Capitalismo Verde, empresas e grupos financeiros utilizam-se do discurso para continuar fomentando o meio de produção do sistema capitalista, assim como para manter a classe dominante no poder. E esta é a melhor forma encontrada: passar a falsa ideia de desenvolvimento

sustentável no modo de produção capitalista.

Para Löwy (2011), é impossível uma forma de desenvolvimento sustentável formatado pela lógica economicista do Capital, pois esse desenvolvimento sustentável que se pretende adotar é apenas mais uma forma encontrada pelo Capital para atender às suas demandas imediatas e às suas necessidades de gerar lucro a todo e qualquer momento. De acordo como o autor, o discurso de desenvolvimento sustentável não passa de uma ilusão e o que há na verdade é um Capitalismo Verde. Capitalismo este que continua agredindo a natureza e usando-a de forma autoritária e exacerbada.

“O capitalismo verde é uma contradição nos termos”. A lógica intrinsecamente perversa do sistema capitalista, baseada na concorrência impiedosa, nas exigências de rentabilidade, na corrida pelo lucro rápido, é necessariamente destruidora do meio ambiente e responsável pela catastrófica mudança do clima. As pretensas soluções capitalistas como o etanol, o carro elétrico, a energia atômica, as bolsas de direitos de emissão são totalmente ilusórias. Os acordos de Kyoto, a fórmula mais avançada até agora de capitalismo verde, demonstrou-se incapaz de conter o processo de mudança climática. As soluções que aceitam as regras do jogo capitalista, que se adaptam às regras do mercado, que aceitam a lógica de expansão infinita do Capital, não são soluções, são incapazes de enfrentar a crise ambiental – uma crise que se transforma, devido à mudança climática, numa crise de sobrevivência da espécie humana. Como disse recentemente o secretário das Nações Unidas, Ban Ki Moon: “Estamos correndo para o abismo com os pés colados no acelerador” (Löwy, 2011).

Podemos observar como o chamado “Capitalismo Verde” reproduz a lógica perversa do capitalismo convencional. Atualmente, é fácil encontrar produtos vendidos como sustentáveis ou ecológicos. Muitas vezes, esses produtos são fabricados da mesma maneira prejudicial que sempre foram, mas agora carregam um selo ecológico e uma suposta preocupação com a natureza.

Esse fenômeno representa um grande problema, pois essa lógica apenas altera as aparências da exploração. Ao comercializar um produto como sustentável, os consumidores podem acreditar que estão ajudando efetivamente o planeta. No entanto, as empresas ainda se valem das principais técnicas de produção capitalista, como a linha de produção e a necessidade incessante de produção rápida. Esta “linha de produção”, abordada pelo sociólogo Allan Schnaiberg, é vista como problemática,

pois a lógica econômica ainda está presente no processo de exploração capitalista. Esta lógica tem conduzido a uma crescente escassez de recursos naturais, todos sacrificados em nome do lucro e da produção constante para atingir metas e superar concorrentes.

Os recursos naturais estão cada vez mais escassos, tornando urgente uma mudança de paradigma na produção. Infelizmente, a natureza parece estar sofrendo uma exploração capitalista, servindo como fonte de mais-valia, tal como um operário. Dessa forma, a exploração capitalista se manifesta agora não apenas entre o burguês e o operário, mas também entre o operário e a natureza. Ambos servem de fonte inesgotável de exploração de mais-valia para o burguês, que se esquece de que a natureza e os recursos naturais são finitos. E o operário? Bem, este será uma fonte inesgotável da exploração da mais-valia enquanto perdurar o sistema capitalista.

Um produto considerado natural acaba sendo apenas mais uma maneira do capitalismo se apropriar de um discurso e de uma lógica para vender e explorar. Allan Schnaiberg (1980) ressalta que a linha de produção é tão agressiva ao meio ambiente que é capaz de causar danos irreversíveis à biodiversidade e aos recursos naturais, cada vez mais escassos. Segundo ele,

“A esteira de produção gera uma ‘fome de recursos’ incessante, levando à exploração cada vez mais intensiva dos ecossistemas, causando danos irreversíveis à biodiversidade e aos recursos naturais” (SCHNAIBERG, 1980).

Um dos pontos centrais encontrados nas obras acerca da sociologia ambiental e a necessidade de uma reformulação da relação ser humano para com a natureza, é o fato de a sociedade estar embebida em um sistema que gera desigualdade sociais e está desigualdade social é refletida em todos os aspectos da vida humana, principalmente na principal relação que permeia o capitalismo, que é a relação de troca.

O sistema capitalista possui como principal função o acúmulo de capital, isso é nítido e notório pois o sistema sobrevive por causa destas relações existentes, é um sistema voltado para a exploração, desta forma o capitalismo se apropria de todas as maneiras possíveis para gerar Capital

e lucro, uma destas maneiras encontradas é a natureza, a relação ser humano e natureza deveria ser baseada em uma relação de troca, no qual o ser humano utiliza os recursos naturais disponíveis, com responsabilidade e cuidado e com a maior preservação possível, mas o que deveria ser uma relação baseada no valor de uso, passa a ser gerida pela lógica perversa do Capital no qual o valor de troca assume um papel central nessas relações, como as relações capitalistas são exploratórias, passa a existir nesse momento uma relação predatória e de exploração constante para com a natureza, pois o capitalismo está interessado incessantemente em maximizar lucros e isso acaba levando a sociedade a uma degradação ecológica e ambiental.

Como modificar essa lógica perversa de exploração ambiental?

Porém, diante de todo esse quadro propagado pelo Capitalismo Verde e de uma falsa ideia de desenvolvimento sustentável, fica no ar uma pergunta: é possível construir um meio de vida autossustentável, que não agrida com tanto impacto a natureza, e que não aja a favor dos interesses Capitalistas?

A resposta encontrada é sim. Os autores que se propuseram a estudar o assunto chegaram a uma resposta similar: em suma, o grande problema do desenvolvimento sustentável é que ele é apenas uma falsa ideia criada pelo Capitalismo. Porém, é possível aplicar um modo de vida autossustentável em um sistema que não seja capitalista.

Para Leff (2006), a Teoria do Valor de Marx (2005), pode ser utilizada para explicitar a questão da natureza atualmente. A natureza possui Valor de Uso que deve ter um carácter social e satisfazer às necessidades, não dos produtores, mas da sociedade. A partir do momento em que o Capital se apropria da natureza para explorar seus recursos naturais a natureza passa a ter um Valor de Troca para o sistema capitalista, mas o valor de uso ainda é supremo para a sociedade.

Leff (2006) defende que a reconstrução da economia deveria ser baseada na produtividade



eco tecnológica sustentável, este seria um sistema no qual a racionalidade produtiva seria assentada nos potenciais da ecologia, da produtividade tecnológica e da criatividade cultural. Essa lógica suplantaria o Capital e seria uma forma de economia baseada na ecologia e com o cuidado da natureza. Uma lógica que vê a natureza como natureza, e não como matéria prima para servir aos interesses do Capital, através da coisificação da natureza.

Para Löwy (2010), a partir do momento em que houver a ruptura com o sistema capitalista, será possível aplicar um sistema no qual prevaleça o caráter social das relações sociais, onde o ser humano possa viver em comunidade, utilizando meios de subsistência que respeitem a natureza, fortalecendo as comunidades locais e prevalecendo o meio de agricultura familiar no qual não haveria a detenção dos meios de produção, estes meios de produção seriam partilhados para a comunidade local.

Tanto Löwy quanto Leff criticam de forma central o sistema capitalista e economicista da sociedade. Ambos defendem uma mudança abrupta da sociedade capitalista para uma que não explore economicamente e socialmente o meio ambiente e os seres humanos.

É evidente que o sistema capitalista é amplamente responsável pela superexploração desregulada e desrespeitosa do meio ambiente e da vida humana. Para avançar em direção a uma sociedade que realmente cuide do meio ambiente e promova a preservação tanto do ecossistema quanto da vida humana, são necessários elementos-chave, como por exemplo: o desenvolvimento de uma consciência educacional voltada para a preservação do meio ambiente, fornecendo conhecimentos sobre a ecologia, sustentabilidade e a necessidade de cuidado para com a natureza; a promoção de políticas ambientais e voltadas para o desenvolvimento sustentável, principalmente o apoio a ONGs e movimentos sociais e cooperativas que utilizam o meio ambiente como meio de subsistência. É notório como essas organizações possuem um cuidado maior com o meio ambiente, uma vez que não têm a lógica economicista exacerbada como foco central de sua organização.

Além disso, é importante considerar a justiça social e a equidade. É necessário pensar e en-

tender que também existe desigualdade social no acesso e uso dos recursos naturais. Portanto, é de extrema importância diminuir a desigualdade social e promover o meio ambiente para todas as pessoas.

Revolução Ecológica e Social: O Ecosocialismo como Alternativa ao Capitalismo Verde

De acordo com um dos principais autores da ecologia política, John Bellamy Foster, uma revolução ecológica e social é crucial para eliminar a lógica economicista do capitalismo. Na visão de Foster (2018), é necessária uma transição em direção a uma sociedade ecosocialista, onde a sustentabilidade e a justiça social estejam no cerne das preocupações.

Mas o que exatamente significa uma sociedade ecosocialista? Para compreender melhor, é importante entender o conceito de socialismo. Nessa perspectiva, o socialismo é um sistema socioeconômico em que os meios de produção são coletivamente controlados pela classe trabalhadora, visando criar uma sociedade mais igualitária, na qual a riqueza e os recursos sejam distribuídos de forma equitativa. Trata-se de uma fase transitória entre o capitalismo e o comunismo, em que as relações de produção capitalistas são substituídas por relações de produção socialistas, permitindo que cada indivíduo se desenvolva plenamente dentro de uma sociedade coletivamente organizada.

No contexto do ecosocialismo, a ideia é transcender o socialismo tradicional e aplicar seus princípios ao âmbito ambiental. Nesse sentido, a propriedade coletiva se estenderia não apenas aos meios de produção, mas também aos recursos naturais e ao meio ambiente como um todo. Na sociedade ecosocialista, o meio ambiente seria considerado uma propriedade compartilhada, valorizando seu verdadeiro valor de uso, e não mais como uma mercadoria a ser explorada desenfreadamente em busca do lucro, como ocorre no atual sistema capitalista.

Uma sociedade ecosocialista buscaria integrar harmoniosamente as necessidades humanas e os limites ecológicos do planeta, promovendo a sustentabilidade ambiental e a justiça social. Isso envolveria a implementação de políticas e práticas que visam à preservação dos recursos naturais,



à redução do consumo excessivo, à adoção de energias renováveis e ao fomento da agricultura sustentável, entre outras medidas. Além disso, a justiça social ocuparia um papel central nesse modelo, garantindo a distribuição equitativa de benefícios e oportunidades para todas as pessoas, combatendo as desigualdades socioeconômicas.

Em suma, uma sociedade ecossocialista busca unir os princípios do socialismo a uma preocupação profunda com o meio ambiente. Trata-se de uma proposta que almeja construir um sistema no qual a sustentabilidade e a justiça social sejam prioridades, contrapondo a lógica predominantemente baseada no lucro do capitalismo. Essa visão convida-nos a repensar nossa relação com a natureza e a buscar uma forma mais equilibrada e justa de viver em harmonia com o planeta.

Conclusão

É evidente o quão relevante tem sido a discussão acerca da natureza e da utilização de seus recursos nos dias atuais. O desenvolvimento sustentável se tornou um dos pontos centrais dos debates atuais, tanto nos espaços acadêmicos como no cotidiano. O meio ambiente e a sustentabilidade se tornaram temas centrais em qualquer contexto.

Vive-se em um período no qual os recursos estão se tornando cada vez mais escassos, e as medidas adotadas até agora não têm surtido o efeito esperado. Isso ocorre porque muitas dessas medidas atuam em prol do sistema capitalista. Ou seja, embora se venda a ideia de que existe uma preocupação com a sustentabilidade e o meio ambiente, na realidade há uma forma de se apropriar do meio ambiente, gerando uma exploração desenfreada da natureza. A natureza acaba se tornando uma fonte de geração de mais-valia, ou seja, passa a ser utilizada em benefício do sistema capitalista para o acúmulo de capital por parte da classe dominante. Não há uma verdadeira preocupação com a preservação ambiental e o desenvolvimento sustentável, mas sim apenas a dissimulação da sustentabilidade para justificar a exploração da natureza e o mau uso de seus recursos. A natureza torna-se refém de

uma lógica economicista que cada vez mais se apropria dos recursos naturais. O capital se apropria da natureza, que é finita, mas está sendo explorada de forma infinita, mesmo sabendo que ela requer cuidado e preservação. No entanto, a lógica do capital não leva em consideração as consequências decorrentes do mau uso da natureza.

Uma das medidas propostas por estudiosos da área é o incentivo à educação ambiental e à conscientização, pois a educação possui uma importância extrema para ajudar a levar essa pauta adiante e modificar um paradigma problemático que é a falta de consciência na utilização dos recursos naturais. A criação de políticas públicas voltadas para a sustentabilidade e a preservação do meio ambiente também é de extrema importância. Por meio do incentivo governamental e da fiscalização, será possível promover uma nova realidade social, já que o Estado tem a função de modificar essa realidade de exploração econômica exacerbada do meio ambiente. Políticas públicas e subsídios estatais para a preservação do meio ambiente, como investimentos em energias renováveis ou incentivos fiscais para empresas que se comprometem com a preservação ambiental, são essenciais.

A tecnologia e a inovação desempenham um papel importante na busca por soluções sustentáveis. Investimentos em pesquisa e desenvolvimento de tecnologias limpas, energias renováveis, eficiência energética e métodos de produção mais sustentáveis podem ajudar a reduzir os impactos ambientais e promover o desenvolvimento sustentável.

Outra ideia defendida por alguns teóricos da sociologia ambiental é o rompimento total com o sistema capitalista, visto que enquanto perdurar o capitalismo, irá continuar perdurando a lógica de exploração capitalista em relação aos recursos naturais. Nesse sentido, somente com um rompimento total com o sistema capitalista haverá, de fato, uma transição para uma sociedade mais igualitária na qual o meio ambiente não seja utilizado somente para a exploração capitalista da mais-valia. O ecossocialismo é visto como uma saída para essa interminável lógica de apropriação dos recursos naturais por parte do capitalismo, no qual busca explorar a natureza constantemente. No entanto, caso não ocorra uma revolução ecológica e a transição do capitalismo para o ecossocialismo, há a visão de



Enrique Leff (2006) de que a sociedade continuará presa em uma lógica economicista perversa. No entanto, com a adoção de uma racionalidade ambiental, será possível repensar a relação entre sociedade e natureza, levando em consideração os aspectos culturais, políticos e econômicos, sem focar somente no modelo econômico do capitalismo, pois este modelo é insustentável. Uma sociedade mais igualitária que debate os limites dos recursos naturais promove um avanço e um entendimento da necessidade de preservação do meio ambiente e da utilização correta dos recursos naturais, primando pela subsistência humana com cuidado e respeito aos limites ambientais.

Por fim, outra solução debatida pelos teóricos da sociologia ambiental é o fortalecimento da agricultura familiar, ONGs e cooperativas, uma vez que elas possuem como base a utilização dos recursos ambientais, não uma lógica economicista exacerbada que permeia as relações capitalistas, mas sim uma lógica de subsistência na qual o meio ambiente é tratado com cuidado e utilizado de forma moderada, buscando preservar e manter suas condições para atender às necessidades dessas comunidades.

Além disso, é necessário romper com as grandes corporações, pois elas atuam apenas em busca de lucro, sem se preocupar com o caráter social dos recursos naturais. Há também estudiosos que propõem o rompimento total com o sistema capitalista, pois ele é o grande causador de todos os problemas relacionados ao mau uso da natureza.

Referências bibliográficas

BOTELHO, Maurilio. Planeta em chamas: como a crise capitalista aprofunda o colapso ambiental. Blog da Boitempo, 24 ago. 2021. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2021/08/24/planeta-em-chamas-como-a-crise-capitalista-aprofunda-o-colapso-ambiental/>>. Acesso em: 9 jun. 2023.

FOSTER, J. B. Marx's Ecology. Materialism and Nature. New York: Monthly Review Press, 1999.

FOSTER, J. B. The hope of ecosocialism. New York: Monthly Review Press, 2018.

GOULD, Kenneth A.; PELLOW, David N.; SCHNAIBERG, Allan. The Treadmill of Production: Injustice and Unsustainability in the Global Economy. [S.l.]: Paradigm Publishers, 2008.

LEFF, Enrique. Ecologia, capital e cultura: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável. Tradução de Jorge Esteves da Silva. Blumenau: Edifurb, 2000.

LEFF, Enrique. Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEFF, Enrique. Saber Ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

LÖWY, Michael. Cenários do pior e alternativa ecosocialista. Serviço Social & Sociedade, São Paulo, n.104, p. 681-694, out. 2010.

LÖWY, Michael. Ecosocialismo. 2021. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/615544-ecosocialismo-artigo-de-michael-loewy>>. Acesso em: 8 jun. 2023. Tradução de Fernando Lima das Neves.

LÖWY, Michael. Ecosocialismo. Blog da Boitempo, 01 mar. 2011. Disponível em: <<https://blogda-boitempo.com.br/2011/03/01/1003/>>. Acesso em: 9 jun. 2023.



LÖWY, Michael. Ecosocialismo. A Terra é Redonda, 22 dez. 2021. Disponível em: <<https://aterraerredonda.com.br/ecossocialismo/>>. Acesso em: 8 jun. 2023.

LÖWY, Michael. Ecodecálogo: dez mandamentos para salvar a vida neste planeta. Blog da Boitempo, 05 jun. 2023. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2023/06/05/ecodecalogo-dez-mandamentos-para-salvar-a-vida-neste-planeta/>>. Acesso em: 8 jun. 2023.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. v.2.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto Comunista. Tradução de Álvaro Pina, Ivana Jinkings. 1.ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 1998. 254 p. ISBN 8585934239, 978-8585934231.

SCHNAIBERG, Allan. The Environment: From Surplus to Scarcity. Oxford: Oxford University Press, 1980.

WEBER, Max. “A Ciência como vocação”. In: Ciência e política. Duas vocações. 16ª ed. tradução de Leônidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota. – São Paulo: Editora Cultrix, 2000.

WEINBERG, A. S.; PELLOW, D. N.; SCHNAIBERG, A. Urban Recycling and the Search for Sustainable Community Development. Princeton: Princeton University Press, 2000.